



## LOUVAÇÃO À SERENÍSSIMA REPÚBLICA DE VENEZA

MARIE DE GOURNAY

Tradução de Natanailtom de Santana Morador<sup>1</sup>

### Apresentação

A presente tradução insere-se na esteira dos trabalhos de difusão da obra de Marie de Gournay no Brasil, mas distingue-se destes pela escolha do tema abordado.<sup>2</sup> Com isso, queremos, de partida, evidenciar a peculiaridade do texto escolhido: ele não trata das questões que comumente são associadas a Gournay, a saber, das reivindicações de igualdade entre homens e mulheres. Além disso, sua forma textual é um tanto peculiar, pois a autora recorre a um gênero denominado *laudatio*, ou panegírico, cuja pretensão é a de louvar os feitos de alguém ou de uma cidade, nação, povo. No caso em questão, Gournay o escreve para louvar os feitos de um célebre veneziano, mas o fará, como veremos, direcionando tal louvor à *Sereníssima* Veneza.

O elogio a Veneza é um *topos* dos humanistas, especialmente no século XVI. La Boétie, Montaigne, Innocent Gentillet e Jean Bodin, por exemplo, tecem elogios a Veneza, mais precisamente à sua forma de governo e à durabilidade de suas leis, características que renderam a esta república a alcunha de *Sereníssima*, aspecto destacado no título do texto de Gournay. No entanto, apesar de partir de um lugar-comum, o elogio de Gournay se embrenha por outros caminhos. Ela abandona esses aspectos relacionados à constituição do governo de Veneza e concentra-se em pintar um quadro geral do papel fundamental desta república na batalha de Lepanto, representada como uma guerra entre o bem e o mal, que termina por restituir a imagem da igreja católica, tão desgastada com as guerras de religião durante o século XVI.

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com estágio sanduíche no Institut de Recherches Philosophiques de Lyon (IRPhL), na Université Jean Moulin - Lyon III (2022-2023), e pesquisador convidado na Université Lumière - Lyon II (2024). E-mail: natanmorador@gmail.com.

<sup>2</sup> Por enquanto, salvo engano, temos os seguintes textos de Marie de Gournay traduzidos no Brasil: “Igualdade entre homens e mulheres” (2019), tradução de Pedro Muniz; “A queixa das mulheres” (2018), tradução de Cinelli Tardioli Mesquita e Martha Tremblay-Vilao; “Igualdade entre homens e mulheres” (2020) e “A jovem rainha da Áustria” (2024), traduções de Clémie Ferreira Blaud.

No que se refere aos aspectos formais, cabe indicar que a obra de Gournay é marcada por inúmeras alterações, correções, feitas pela própria autora ao longo das edições. Com a *Louvação à Sereníssima República de Veneza*, não é diferente. Partes deste texto constam do *Bienvenue de Monseigneur le Duc d'Anjou*, de 1608, e ele aparecerá com ajustes nas edições de *L'ombre* de 1626-1627 e nos *Advis* de 1634 e 1641.<sup>3</sup> Nas *Oeuvres Complètes* (2002) de Marie de Gournay, temos o texto de 1641 com a indicação das variações ao longo das outras edições. No entanto, aqui, apresentamos a última versão, sem indicação dessas variações, mantendo apenas as notas das *Oeuvres Complètes*, identificadas como N.O.C, e inserindo pequenas notas explicativas, identificadas como notas da tradução (N.T). Como a sintaxe de Gournay é um tanto singular, fizemos alguns ajustes de pontuação, de modo a atribuir maior fluidez ao texto, sempre pensando em preservar o máximo possível da estrutura e dos elementos textuais originais, como a grafia de algumas palavras que Gournay inicia com letra maiúscula.

A tradução que propomos coloca-nos, portanto, diante de uma nova faceta de Marie de Gournay, evidenciando sua compreensão dos eventos históricos e das implicações deles na nova ordem que começa a se configurar na Europa. Por meio deste texto, pode-se vislumbrar a versatilidade e a amplitude da obra de Gournay – que transita por uma variedade de temas ainda relativamente não explorados nos estudos realizados no Brasil<sup>4</sup> –, ao mesmo tempo em que escapamos do risco tentador de reduzir esta autora, como bem nos lembra Isabelle Krier (2023, p. 11), “à sua defesa da igualdade dos sexos”.

---

<sup>3</sup> Ver a nota 5 desta tradução e ARNOULD, “Marie de Gournay polémique”, 2006, p. 241.

<sup>4</sup> Para uma apresentação geral sobre a biografia e a produção de Marie de Gournay, ver o verbete escrito pela Profa. Telma Birchall para a *Enciclopédia Mulheres na Filosofia*. Disponível: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/marie-de-jars-de-gournay/>.

**Louvação<sup>5</sup> à Sereníssima República de Veneza:<sup>6</sup>  
em favor de um Senhor Veneziano<sup>7</sup>**

Os magnânimos atletas dos jogos Olímpicos, tendo conquistado a Coroa nesses famosos combates, concediam-na ao seu País e proclamavam a coroação não de Antífolo, Arístocles, Diomedes, mas de Esparta, Tebas e Atenas.<sup>8</sup> Assim, desejando louvar o mérito de um generoso veneziano, sua modéstia parece impor-nos silêncio e seu zelo por sua Pátria adverte-nos a direcionar nossos louvores antes a esta que àquele. De todo modo, certamente não se pode erigir elogios a Veneza sem considerar aqueles dos predecessores desse Senhor e dele mesmo, pois esta cidade [Veneza] parece não ter feito nada de notável sem a assistência e a intervenção da Casa Contarine. Oh, doce encanto de contentamento, para corações<sup>9</sup> tão nobres como aqueles desta casa, por terem engrandecido a Cidade que doravante enaltece ou apequena as outras quando lhe apraz!

Veneza depreendeu-se do jugo e da perseguição dos Tiranos:

“É aquela que fugindo da sanha de um Átila  
Forjou um mundo novo das masmorras de um refúgio”<sup>10, 11</sup>

---

<sup>5</sup> *Gratification a la Serenissime Republique de Venise*. A tradução de “gratification” por “louvação” conjuga o significado de “*gratifier*” no século XVI, verbo que deriva do latim “*gratificari*”, e o teor do próprio texto, que deve ser entendido como reconhecimento da importância de Veneza no tema que será abordado. Poder-se-ia, ainda, optar por “agradecimento” ou mesmo, em uma tradução mais livre, substituir “gratification” por “laudatio” (N.T).  
<sup>6</sup> Primeira versão em “*Bienvenue...*” de 1608 (v. p. 687, n. B); esse texto é, em seguida, publicado no *L’ombre de 1626-1627* e nos *Advis de 1634 e 1641*. (N.O.C).

<sup>7</sup> Ver-se-á, em algumas linhas adiante, que se trata de um Contarini. Escrito na esteira dos textos considerados “*affaires de Venise*”, no centro dos quais encontra-se Du Perron (*Oeuvres*, A. Estienne, Paris, 1622: “*Vie*”, p. 22, et “*Lettre au Roy sur l’estat des affaires de Venise*”, p. 872 sq), o *Bienvenue...* de 1608 (p. 167), de onde advém em parte o presente texto, citava naturalmente Antonio Foscarino, então embaixador da República em torno de Henri IV. As circunstâncias, desde então, mudaram e Contarini está no auge de sua glória; Francesco foi, em 1623-1624, o doge dos negócios de Valtellina, Nicolo foi doge em 1630-1631, e Pietro, Simone, Angelo e Alvise são embaixadores na França de 1614 a 1638. Nesse sentido, é provável que o texto se endereça ao segundo dentre eles, embaixador em 1617-1618, depois de 1625-1627. (N.O.C).

<sup>8</sup> A mesma ideia já foi formulada no “*Naissance des Enfants de France*”, p. 630, n. A. O *Pauly's Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* permite identificar Arístocles, Diomedes e Antífolo, arcontes atenienses. (N.O.C).

<sup>9</sup> Gournay usa a expressão “*courages si nobles*”. No século XVI, segundo o *Dictionnaire de l’Académie Française*, “*courage*” tem também o sentido de *coeur*, coração, onde se encontrariam os sentimentos mais nobres. Refere-se, portanto, a um coração que tem disposição moral para fazer grandes coisas e está relacionado à bravura (N.T).

<sup>10</sup> Fonte não identificada. A partir desta citação até “que os Reis e os Príncipes sejam instigados a atrair semelhantes venturas pelas mesmas vias que tu as obtiveste”, M. de Gournay recria uma passagem do *Bienvenue...* de 1608, p. 186 a 189. (N.O.C).

<sup>11</sup> Embora a autoria não seja identificada – conforme sugerido pela nota anterior, da edição das *Obras Completas* –, os versos referem-se ao mito fundacional de Veneza. Ao que tudo indica, no século V, foi travada uma guerra

Desde então, crescendo em abundância, poder e armas, ela frequentemente libertou outras Cidades e Repúblicas; fazendo com que gritos de liberdade fossem ouvidos em todos os lugares por onde seus estandartes passaram, seja acompanhada ou sozinha. Se, por um lado, ela preferiu não anexar alguns desses Povos a seu Estado, submetendo-os às suas justas e sábias leis, isto é, confiando-lhes a um melhor regime do que o deles próprios; por outro, defendeu-os de seus inimigos com mãos firmes. Entretanto, deixemos aos Historiadores a recitação dos outros insignes feitos desta República – refiro-me à conquista ou à libertação das Cidades, das Regiões e dos Reinos; sua ordem, seu regime e seu excelente governo –, para darmos somente uma breve atenção àquela Vitória de Lepanto;<sup>12</sup> sem que sua antiguidade possa em nada diminuir em nossos dias o valor de seus elogios, haja vista sua glória e seu incomparável fruto. Saudemos a mais heroica e a mais destacável Vitória que se viu desde muito tempo, antes e depois dela, muito similar àquelas de Salamina e Maratona<sup>13</sup>, consideradas as mais gloriosas que o Céu já iluminou – se as Vitórias podem ser qualificadas pela utilidade de seu sucesso e pela força e Grandeza do inimigo que elas enfrentam. Afinal, até onde teria chegado a invasão do Turco sem uma tão triunfante Batalha?<sup>14</sup> A que ponto veríamos reduzida nossa Cristandade – toda grandeza e força que ela tem – sem essa Empreitada? Onde estaria a venerável Cruz? Onde estariam nossos bens e nossas liberdades sem ela? Isto é, sem Veneza, esta Gerião e esta

---

entre os hunos, comandados por Áquila, e os romanos; aqueles saíram vencedores e destruíram a cidade de Aquileia, de onde vários romanos teriam fugido e, para escapar da perseguição “bárbara”, se refugiaram nas ilhas de Torcello, Jesolo e Malamocco, formando, com o passar do tempo, um conglomerado de ilhotas que seria denominado de República de Veneza. O mito fundacional de uma cidade busca imprimir os caracteres que lhe dão identidade. No caso de Veneza, as características apontadas pelo mito fundacional, recuperadas por Gournay, estão associadas à busca pela liberdade, à não submissão à tirania e à capacidade de aperfeiçoar as técnicas de modo a forjar o novo a partir das adversidades (N.T).

<sup>12</sup> Marie de Gournay refere-se à batalha de Lepanto, que ocorreu em 7 de outubro de 1571 e foi marcada pelo confronto entre a *Liga Cristã* e os turcos otomanos, isto é, entre o Ocidente Cristão e o Oriente Muçumano. A *Liga Cristã*, ou *Liga Santa*, foi organizada pelo Papa Pio V e se deu pela coalizão firmada em maio de 1571 entre as forças militares de Espanha, Veneza e Roma – Ver USHER, *La Méditerranée épique. Autour de la bataille de Lépante* (N.T).

<sup>13</sup> A batalha de Maratona foi a tentativa dos persas de invadirem a Grécia em 490 a.C., sendo contidos pelos atenienses, que recorreram a uma tática militar que passou a ser considerada como a primeira enfileirada e ordenada da história. Terminada a batalha, Filípedes é encarregado de anunciar a vitória em Atenas, mas morre de exaustão ao chegar na Acrópole, depois de correr quatro horas e conseguir pronunciar apenas uma palavra: “*Nenikamen*”, que significa “nós ganhamos”. Daí, advém o nome atribuído às maratonas dos Jogos Olímpicos. Os gregos e os persas voltam a se enfrentar em Salamina (480 a.C), com vitória para aqueles – ver a análise de Victor Davis Hanson, “*Eleutheria*, marinheiros livres em Salamina”, em seu livro *Porque o Ocidente venceu: Massacre e cultura da Grécia Antiga ao Vietnã*. Ainda sobre a batalha de Salamina, Christine de Pizan (*A cidade das mulheres*, 2024, p. 75) apresenta-nos uma versão cuja participação da rainha Artemísia, como aliada dos gregos, é decisiva para a derrota de Xerxes, rei da Pérsia (N.T).

<sup>14</sup> Os Turcos Otomanos já tinham invadido a região do Chipre (N.T).

Briaréu<sup>15</sup> das Cidades, com três corpos e cem braços.<sup>16</sup> Refiro-me somente a esta Cidade [Veneza] porque sem ela todas as outras – mesmo se tivessem juntado diversas Armadas de Príncipes e Reis, se ela não lhes viesse ao socorro, reforçando-as e abatendo por terra o inimigo – teriam sucumbido. Minha pátria, mesmo empregando suas armas a esse esforço, que me perdoe por me referir nesses termos: ela [Veneza] ergueu alhures muitos troféus, mostrando-se mais preparada para conquistar-lhes tanto em Terra quanto em Mar. Enquanto esse conflito se desenrolava, a forte e a clara voz de um anjo ecoou por toda a Cristandade: “Povos, vós e a Religião estão prestes a perecer se uma de vossas Cidades não vos salvar”. Que Império as outras não teriam oferecido como recompensa àquela que soube lhes responder com tal feito? Que Império ela [Veneza] não preferira renunciar – como de fato o fez, arriscando todas suas embarcações que poderiam ser despedaçadas e submergidas ao afundar os inimigos – a ter que falhar a tal façanha? Quanto não se deve exaltar em glória e júbilo esta Cidade que não somente soube despedaçar e precipitar às profundezas do Mar as embarcações inimigas, mas se salvou ao fazer isso, e ainda salvou seus aliados, que são, na verdade, o corpo e o Reino dos Cristãos?

Minha imaginação transporta-me, nesse instante, ao cenário desse grande Dia, como se fosse hoje: Fugam, Turcos, fugam de Lepanto! A vanguarda das Armadas Cristãs fora frequentemente invadida por vossos esforços, confessamos; a batalha, impulsionada pelo medo; a retaguarda, desfeita. Entretanto, eis que os ventos trazem a plenas velas os terríveis estandartes de Veneza; e basta ela aproximar suas embarcações para que tudo aquilo que escapou do raio de seus canhões se prostre aos seus pés e de seus aliados, pois ela quer gozar de sua vitória em comum [quer partilhar sua vitória com os aliados], para triunfar entre os triunfantes. Vós não dominas mais o Mar: os noivados – ou, se preferirem, o casamento –, reafirmados por tantos

---

<sup>15</sup> “[*poëtae*] *Geryonem tricorporem fuisse [dicunt]*”; “[*Briareus... quem poëtae finxeruntcentum habuisse brachia et quinquaginta ventres*”, Charles Estienne, *Dictionarium poeticum*, Paris, 1595. A pertinência dessas duas imagens, muito frequente, tem relação com a tripartição da República e com a multiplicidade de seus elementos no Mediterrâneo, como observam todos os comentadores. No entanto, no momento em que M. Gournay escreve, a primeira [Gerião] evoca frequentemente a aliança entre os Espanhóis, os Imperiais e os Savoyards [povos da Savoia] (Cl. Malingre, *Histoire du regne de Louis XIII*, Paris, M. Collet, 1646, p. 6). (N.O.C).

<sup>16</sup> Gerião, na mitologia grega (*Gueryón*), era um gigante que habitava a ilha de Eritia, “um monstro de três cabeças e de torso tríplice” (Brandão, 1986, p. 241). Briaréu faz parte também da mitologia grega, era um dos Hecatonquiros (*Hekatonkheiros*), “gigantes fortíssimos e monstruosos, com cem braços e cinquenta cabeças” (Brandão, 1986, p. 206), e fora um dos aliados decisivos de Zeus na luta contra os Titãs (N.T.).

anos entre Veneza e o Mar,<sup>17</sup> são agora convertidos em casamento perfeito e consumado.<sup>18</sup> Vossa benevolência ou vossa aversão não serão mais o desejo nem o pavor das Nações, pois, doravante, elas se questionarão não mais se os Turcos mas sim se os Venezianos serão seus amigos ou seus inimigos. Ademais, reconheceremos, agora, diante desta grande experiência, que tanto os ilustres e fortes Lugares quanto as Batalhas por vós [turcos] conquistados outrora contra os Cristãos, seja em Terra ou em Mar, não seriam possíveis, se Veneza tivesse tido o vagar de armar-se devidamente. Deste modo, viu-se que seus [dos turcos] últimos dias de glória estavam prescritos e contados assim que se deu o primeiro encontro entre ela [Veneza] e vós [turcos]. Fugam, Turcos, fugam! Ou vereis subitamente perecerem o butim [espólios de guerra] e os Troféus que conquistastes; e vós, Reis Orientais, volteis algum dia a seguir, com presentes e votos, “a estrela que do alto assinala o Berço do filho da Virgem”.<sup>19</sup> Mas o que vejo desta vez? Vós fugis, oh Turcos! Não para escapar de serem abatidos, despedaçados, fulminados, até porque isso já aconteceu. Corram a Constantinopla, novos Embaixadores dos Cristãos, para advertir a vosso Príncipe que, doravante, deixe de apontar seu *Croissant*<sup>20</sup> para o Clima<sup>21</sup> de Veneza, e que ela vos ensina, em nosso Século, que o Louvor que os próprios Imperadores do Oriente direcionaram antigamente ao Deus que ela serve ganhou sua causa em última instância: “*Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*” [*Cristo vence, Cristo Reina, Cristo Impera*].<sup>22</sup>

Oh célebre e vitoriosa Cidade, possas tu até a eternidade – isto é, enquanto durar o fruto de tua Vitória – fruir de tua glória e desse suavíssimo som do “*Te Deum*”,<sup>23</sup> que tua prudência,

---

<sup>17</sup> Alusão às núpcias de Veneza com o mar, celebradas à Ascensão e descritas mais precisamente por Francesco Sansovino no décimo segundo livro de *La Cité de Venise (Venetia, Città nobilissima et singolare...*, Venise, 1604, p 338). (N.O.C).

No original, temos: “[...] *les fiançailles, ou si l'on veut épousailles, répétées par tant d'années, de Venise et d'Elle, sont maintenant converties en mariage parfait et consommé*” (GOURNAY, 2002, p. 690). O “Elle” refere-se ao Mar que é referido anteriormente. Sendo assim, para dar maior clareza à frase, repetimos a palavra Mar (N.T).

<sup>18</sup> Havia o mito de que Veneza tinha estabelecido uma aliança, um casamento, com o mar. Por isso, todos os anos, o doge saía de seu palacete oficial, atravessava toda a cidade andando e levando uma aliança que era entregue ao mar, simbolizando a renovação dos votos matrimoniais entre a cidade e o mar (N.T).

<sup>19</sup> Mateus, 2, 4. (N.O.C).

<sup>20</sup> O termo é de difícil tradução, pois Gournay aparentemente utiliza uma expressão corrente em sua época, “*Croissant*”, para referir-se aos Turcos. Na primeira edição do *Dictionnaire de l'Académie Française*, de 1694, o termo “*Croissant*” aparece associado aos Turcos: “*Le croissant, l'emblème de l'ancien Empire ottoman. L'empire du Croissant ou, par métonymie, le Croissant, cet empire lui-même*”. Cf: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9C5054>. Consultado em 04/09/2025 (N.T).

<sup>21</sup> Para o lado, para os ventos que levam a Veneza (N.T).

<sup>22</sup> Esta expressão abundantemente referenciada (Migne, vol. 98, 133, 136, 138, 155...) figura notadamente no ritual da Igreja bizantina (vol. 80, col. 411). Ela é retomada por Du Perron em “*Harangue... sur l'article du serment...*”, *Diverses oeuvres*, Paris, A. Estiene, 1622, p. 628. (N.O.C).

<sup>23</sup> *Te deum* faz referência ao hino *Te Deum laudamus* (A ti louvamos, Deus), um canto de agradecimento a Deus por uma bênção conquistada. É conhecido como um “hino ambrosiano” com origem incerta, sendo ora atribuído a Santo Ambrósio, ora a Santo Agostinho, muito comum na liturgia cristã, tanto católica, quanto anglicana e luterana (N.T).

teu poder e tua coragem fizeram felizmente cantar por tantas Províncias e milhões de homens. Por que cem Potentados estavam presentes, com suas Armadas, nessa Batalha de Lepanto senão para dar a conhecer que todos juntos não podiam, por Mar, aquilo que tu sozinha podias? Senão para mostrar que a ti estava destinado o primeiro golpe que levaria ao desmoronamento do Império Turco e, conseqüentemente, a honra de fincar o mais forte pilar [arcobotante] do Império Cristão? Ali, sozinha, tu esmagaste a “cabeça da serpente” e cumpre ainda dizer em revés da Escritura, “que ela não te feriu o calcanhar”. Pois, desde então, tu nunca cessaste de lhe perseguir com o passo ligeiro e ela não mais cessou de fugir, mormente no Mar, aos encontros coordenados por ti e pelos Cristãos.

*A vida é reputada pela glória  
O honroso é saudado pela Vitória*<sup>24</sup>

Se é honroso fazer o bem movido pela multidão, não seria mais ainda fazê-lo por preferência e por um tão venturoso fim como a libertação, a Paz e a Salvação da Cristandade? Que não te coloquemos mais, Veneza, no mesmo rol das insígnias Cidades do Universo. Doravante, tu ultrapassas o esplendor e a glória exigidos para marchar ao lado destas, sendo, em nossos dias, destacada de teus pares para te alçar a um degrau mais alto. Reina, invicta República, enquanto continuas a mostrar aos Potentados o reto caminho para reinar. Deste modo, por um lado, a Europa pode ver os maus domados e reprimidos sob tuas armas e os bons felizes sob tuas Leis; por outro, pode-se ver a bem-aventurança reinar ainda sob teus exemplos, de sorte que a felicidade de teus sucessos fará com que os Reis e os Príncipes sejam instigados a atrair semelhantes venturas pelas mesmas vias que tu as obtiveste. Que penhor [que garantia] não deve ser para ti a antiga e fiel amizade da França para te ajudar a manter a esperança desta Grandeza e alta fortuna? Que socorros e testemunhas mais dignos as duas poderiam desejar nas Batalhas e nas famosas Vitórias senão uma à outra? Pareceis fatalmente juntas destinadas a abater o orgulho do Levante, do qual Constantinopla serve como prova, vencida e tomada pelos Franceses em tua companhia – Baudoin, conde dos Flandres, sendo o General, nos últimos anos do Império Grego. Do mesmo modo, tu não poderias desejar campo mais digno para disputar tuas Vitórias e erguer teus Troféus, senão as mesmas Terras e os mesmos Mares que tu tantas vezes tingiste com o sangue dos Infiéis. Sigas, portanto, teus próprios passos, oh Sereníssima e potente Cidade, pois o melhor que tu podes fazer é imitar-te a ti mesmo, e os Reis e

---

<sup>24</sup> La Boétie, *Poesies latines*, “*De fuga Imperatori Carolis, eversis Teruana et Hedino*”, v. 5-6; o original é citado no *Bienvenue...* de 1608, p. 186. (N.O.C).

Conquistadores nada podem fazer de melhor senão emular-se [influenciar-se, inspirar-se] da ambição expressa nos traços e na imitação de Veneza.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARNOULD, Jean-Claude. “Marie de Gournay polémique”. In : *Littératures classiques*, 59, 2006, pp. 239-250.

BIRCHAL, Telma de Souza. “Marie le Jars de Gournay”. In: Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: *Mulheres na Filosofia*, V. 7, N. 4, 2024, pp. 1-14. Disponível: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2024/07/Verbete-Gournay-PDF.docx.pdf>.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume I. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GOURNAY, Marie de. “Gratification à la Sérénissime République de Venise”. In: GOURNAY, M. de. *Oeuvres complètes. Tome I*. Édition de Jean-Claude Arnould, Evelyne Berriot-Salvadore, Claude Blum, Anna Lia Franchetti, Marie-Claire Thomine, Valérie Worth-Stylianou. Paris: Classiques Garnier, 2002, pp. 686-694.

\_\_\_\_\_. “A queixa das mulheres”. Tradução de Cinelli Tardioli Mesquita e Martha Tremblay-Vilao. Belo Horizonte: *Outramargem: revista de filosofia*, n. 8, 1º semestre/2018, pp. 332-336. Disponível: <<https://revistaoutramargem.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/12/22-N8-A-QUEIXA-DAS-DAMAS-Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf>>.

Gournay, M. (2019). “Igualdade entre homens e mulheres” (1622). Tradução Pedro Muniz. ROVÈRE, Maxime (org.). *Arqueofeminismo. Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas Séculos XVII-XVIII*. São Paulo, n-1 edições, 2019, pp. 27-44.

\_\_\_\_\_. “Igualdade entre homens e mulheres”. Tradução de Clêmie Ferreira Blaud. Campinas: *Modernos e Contemporâneos*. Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 4, n. 10, jul./dez., 2020, pp. 292-303. Disponível: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4343>>.

\_\_\_\_\_. A jovem rainha da Áustria. Tradução de Clêmie Ferreira Blaud. Belo Horizonte: *Sapere Aude*, v. 15, n. 29, 2024, pp. 596-600. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2024v15n29p596-600>.

HANSON, Victor Davis. *Porque o Ocidente venceu: massacre e cultura da Grécia antiga ao Vietnã*. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

KRIER, Isabelle. *Marie de Gournay, philosophe morale et politique à l'aube du XVIIe siècle*. Paris: Classiques Garniers, 2023.

PIZAN, Christine de. *A cidade das mulheres*. Introdução de Eric Hicks e Thérèse Moreau, tradução de Jorge Henrique Bastos. São Paulo: Editora 34, 2024.

USHER, Phillip John. “La Méditerranée épique. Autour de la bataille de Lépante”. In: USHER, Phillip John. *L'Aède et le géographe. Poésie et espace du monde à l'époque prémoderne*. Paris: Classiques Garnier, 2018, pp. 177-217.